

ENTRE O CHÃO DA ESCOLA E O QUARTO DE DESPEJO: A IMPORTÂNCIA DA VALORIZAÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Letícia Regina Marcolin¹

Resumo: A variação linguística é um fenômeno presente na sociedade em que se vive, dado o fato de que a língua não é estática e nem falada da mesma forma em todos os lugares. Cada variação linguística carrega consigo traços históricos, sociais e culturais. O trabalho ora em pauta tem como objetivo geral refletir sobre a valorização das variedades linguísticas na escola como forma de respeito à diversidade e identidade social do outro. A pergunta que norteia o estudo é: como a valorização da variação linguística no ambiente escolar, a partir da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, pode contribuir para o respeito e o (re)conhecimento das diversas culturas presentes na sociedade? E se justifica na medida em que pode colaborar na construção de uma educação mais justa e respeitosa. Com abordagem qualitativa e de caráter bibliográfico, a pesquisa fundamenta-se em autores que dissertam sobre o tema, entre eles Alckmin (2001), Antunes (2014), Bagno (2015), Possenti (2006), Saavedra (2021) e a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Assim, integrar as variedades linguísticas na escola não apenas amplia e enriquece o repertório dos alunos, como também fortalece os laços de empatia e compreensão entre os indivíduos.

Palavras-chave: variação linguística; preconceito linguístico; diversidade cultural; escola.

BETWEEN THE SCHOOL FLOOR AND THE QUARTO DE DESPEJO: THE IMPORTANCE OF VALUING LINGUISTIC VARIATION

Abstract: Linguistic variation is a phenomenon present in the society in which we live, given that language is not static, and it is not spoken in the same way everywhere. Each form of linguistic variation carries historical, social and cultural traits. The work aims to reflect on the valuing linguistic varieties in schools as a means of respecting the diversity and social identity of others. The guiding question of the study is: how can valuing linguistic variation in the school environment, based on the work *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, contribute to the respect and (re)cognition of different cultures present in society? And it is justified to the extent that it can collaborate to the development of a more just and respectful education. With a qualitative approach and a

1 Mestranda em Letras, bolsista Capes, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. E-mail: 179170@upf.br; letir.marcolin@gmail.com.

bibliographical character, the research is based on authors who discuss the topic, including Alckmin (2001), Antunes (2014), Bagno (2015), Possenti (2006), Saavedra (2021) and the book *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, by Carolina Maria de Jesus. Thus, integrating linguistic varieties in schools not only expands and enriches students' repertoires, but also strengthens the bonds of empathy and understanding between individuals.

Keywords: linguistic variation; linguistic prejudice; cultural diversity; school.

1 INTRODUÇÃO

A variação linguística é um fenômeno presente na sociedade em que se vive, visto que a língua não é estática e segue se transformando e evoluindo. Levando isso em consideração, muitas são as variações e muitos os motivos para que isso ocorra, pois uma mesma língua não é falada de igual forma em todos os lugares. Contudo, mesmo havendo variações, uma não é melhor que a outra e nem menos complexa, tendo em vista que a língua é a identidade de um grupo e carrega consigo traços históricos, sociais e culturais. Inclusive, até mesmo a forma mais prestigiada do Português, a língua padrão, é uma variação da língua – o que Bagno (2012, p. 25) chama de “variedades urbanas de prestígio”. À vista disso, reconhece-se a importância da valorização das variedades linguísticas no ambiente escolar, local tão marcado pela multiplicidade, como forma de respeito à diversidade cultural e de (re)conhecimento das diferentes culturas.

Nesse sentido, o trabalho ora em pauta tem como objetivo geral refletir sobre a valorização das variedades linguísticas na escola como forma de respeito à diversidade e identidade social do outro. Como objetivos específicos, busca-se: a) definir o que é variedade linguística; b) conhecer a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus; c) analisar como a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* pode ser utilizada para discutir e valorizar as variedades linguísticas no contexto escolar. A pergunta que norteia o estudo é: como a valorização da variação linguística no ambiente escolar, a partir da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, pode contribuir para o respeito e o (re)conhecimento das diversas culturas presentes na sociedade?

As reflexões tomam como base obras de autores que dissertam sobre o tema, entre eles Alckmin (2001), Antunes (2014), Bagno (2015), Possenti (2006), Saavedra (2021) e a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Com abordagem qualitativa e de caráter bibliográfico, a pesquisa justifica-se na medida em que pode colaborar na construção de uma educação mais justa e respeitosa.

Esse texto se divide em três seções além da introdução e da conclusão: na primeira explora-se o conceito de variação linguística; a segunda seção apresenta a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, bem como a história de sua escritora Carolina Maria de Jesus; por fim, a terceira seção disserta sobre a importância de se valorizar as variações linguísticas na escola como forma de conhecimento de novas culturas e respeito às diferenças com base na obra de Carolina Maria de Jesus.

2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UM MOSAICO DE VOZES E SENTIDOS

A variedade linguística refere-se às diferentes formas que uma língua pode assumir em função de diversos fatores. Ainda, é um fenômeno natural e está intrinsecamente ligado a todas as línguas. Afinal, “qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações” (Alkmim, 2001, p. 33), dado que uma língua não é estática, mas sim dinâmica e multifacetada, se adaptando às necessidades e características de seus falantes. Nesse sentido, comprehende-se que a relação entre “língua e variação são inseparáveis” (Alkmim, 2001, p. 33), uma vez que a língua se transforma constantemente devido a contextos sociais, históricos e geográficos em que é utilizada.

Nessa perspectiva, “toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, *heterogênea*, ou seja, apresenta *variação* em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.)” (Bagno, 2015, p. 27). Com isso, carrega consigo traços de uma riqueza linguística enorme, pois é a história de um povo que passa de geração para geração, ou seja, reflete a identidade cultural de um povo.

Levando isso em consideração, pode-se descrever a variação linguística por alguns fatores, sejam eles geográficos, históricos, sociais, de sexo, idade, situação, dentre outros mais. A variação geográfica (diatópica) refere-se às “diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico” (Alkmim, 2001, p. 34). Ao se pensar na variação histórica, é perceptível que ao longo do tempo, algumas expressões mudam, seja na estrutura e/ou no significado, como é o caso da expressão “Vossa Senhoria”, que com o passar do tempo passou para “Vossa Mercé”, “Vossemecê”, até atualmente ser “Você”. Diante dessas expressões, não apenas encontra-se uma mudança histórica, mas também uma mudança social, tendo em vista que esses termos passaram de formais, ao se referir a contextos oficiais e de grande respeito, até uma forma simplificada e informal, tão utilizada nos dias atuais. Nesse cenário, comprehende-se por variação social (diastrática) um conjunto de fatores, que constituem a identidade dos falantes e relacionam-se com “a organização sociocultural da comunidade de fala”, a saber “classe social, idade, sexo, situação ou contexto social” (Alkmim, 2001, p. 35).

Não se pode deixar de mencionar que, mesmo que em todo lugar haja variações, “em todas as comunidades existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores” (Alkmim, 2001, p. 39) a depender das relações sociopolíticas estabelecidas. Isso não quer dizer que uma é melhor que a outra e nem mais ou menos complexa. O que há, na realidade, são variedades de mais prestígio social e outras não prestigiadas, dado que as diferenças estão muitas vezes mais “ligadas à avaliação social que [...] se faz, avaliação que passa, em geral, pelo valor atribuído pela sociedade aos usuários típicos de cada dialeto” (Possenti, 2006, p. 34). Nesse sentido, a norma padrão do Português também é uma variação da língua e é “a variedade linguística socialmente mais valorizada, de reconhecido prestígio

dentro de uma comunidade, cujo uso é, normalmente, requerido em situações de interação determinadas” (Alkmim, 2001, p. 40).

Sendo assim, conhecer as variações linguísticas é essencial para apreciar a riqueza e a diversidade da língua. Contudo, não aceitar e não reconhecer as variedades é uma forma de intolerância à língua, o preconceito linguístico. Alkmim (2001, p. 42) discorre que “aprende-se a variedade a que se é exposto, e não há nada de errado com essas variedades”, até porque todas as formas de se falar um idioma são válidas, além de trazerem consigo uma vasta herança linguística que reflete a identidade cultural e social dos falantes. Portanto, é necessário que se promova o respeito e a valorização de todas as variedades da língua, pois negar isso é o mesmo que apagar os traços identitários das comunidades de falantes, assim como impor a cultura do outro e/ou a mais prestigiada como única e correta.

3 QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVALADA, A VOZ DE QUEM LUTA PELA VIDA

Quarto de Despejo: diário de uma favelada, livro escrito por Carolina Maria de Jesus, é um diário onde a autora retrata sua história de vida e luta pela sobrevivência nas condições de extrema pobreza dia após dia na favela do Canindé, em São Paulo, na década de 1950. Publicado pela primeira vez em 1960, por intermédio do jornalista Audálio Dantas, esse livro é um grande sucesso na literatura e já foi traduzido para vários idiomas. A narrativa apresenta a dura realidade de quem vive nas favelas, descrevendo a fome, a miséria, a violência e a discriminação sofrida por ser pobre e negra. Sua escrita oferece um vislumbre para a realidade marginalizada, dado que prevalece a linguagem coloquial da autora, a fim de se manter os traços e a essência de sua história.

Carolina Maria de Jesus é uma catadora de papel que vive em um barraco na favela do Canindé junto com seus três filhos, ainda crianças. Seu sonho é sair da favela e ter uma casa para morar, podendo oferecer condições melhores de vida para sua família, nas palavras da autora “o meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. [...] O desgosto que tenho é residir em favela” (Jesus, 2014, p. 18). Até porque, como afirma no decorrer de sua história, “a favela é o quarto de despejo de São Paulo” (Jesus, 2014, p. 126) e nesse lugar é despejado tudo o que não se enquadra na classe social mais favorecida, ou seja, ela também se considera uma despejada, excluída da sociedade que valoriza apenas quem possui poder econômico.

O diário inicia no dia 15 de julho de 1955 e se estende até o dia 1º de janeiro de 1960. Durante esse período, encontram-se reflexões da autora sobre a sociedade, críticas à desigualdade social e à falta de assistência do governo, e um desejo de justiça e dignidade. Além das dificuldades materiais, o diário mostra seus momentos de tristeza e desesperança, bem como a determinação com que enfrentava as adversidades. E entre uma coisa e outra, se dedicava à escrita. Saavedra (2021, p. 54), em uma leitura sensível, afirma: “como imaginar o que deve ter sido o trajeto que essa mulher fez para, em meio à pobreza, construir esta tábua

de salvação: a literatura”. De fato, Carolina encontrou na escrita um lugar só seu para, quem sabe, escapar da dura realidade, afinal “quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever” (Jesus, 2014, p. 19); “quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia” (Jesus, 2014, p. 169). Escrevia em cadernos velhos sobre os vizinhos, a política, a religião, e suas próprias reflexões filosóficas e sociais. Carolina possui uma escrita própria, que “com a sucessão de frases curtas ela recria o desespero, a falta de ar e a necessidade de seguir em frente” (Saavedra, 2021, p. 170).

Nesse sentido, essa obra tem um valor inestimável, capaz de causar grande impacto na sociedade, pois por meio dela foi possível enxergar a realidade da favela na perspectiva de quem vive nela. Com o reconhecimento de sua obra e o ganho de algum dinheiro, Carolina conseguiu deixar a favela para morar em um lugar com melhores condições, mas não conseguiu escapar da pobreza, falecendo no ano de 1977.

4 VALORIZAÇÃO DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS NA ESCOLA: REFLEXÕES A PARTIR DE “QUARTO DE DESPEJO”

A língua se caracteriza por diversos fatores, inclusive pela sua riqueza e diversidade nela identificada. Compreender que todas as línguas mudam e que as variações nela encontradas carregam consigo uma enorme herança é fundamental para que o olhar voltado às variações linguísticas não seja o de intolerância ao próximo. Dessa forma, já é sabido que “toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar” (Alkmim, 2001, p. 32), refletindo a cultura, história e vida de um povo.

Nesse viés, o espaço marcado pela interação entre diferentes culturas e variações da língua é a escola. Segundo Antunes (2014, p. 50), “a escola é um espaço social, palco de vivências interativas, de situações de linguagem”, ou seja, é o principal local para que os alunos tenham a oportunidade de conviver com pessoas fora do seu grupo social. É por esse motivo que os modos diversos de se falar um idioma devem ser levados em consideração nesse ambiente e durante as aulas, para que os estudantes percebam que está tudo bem falar de um modo diferente, que adaptações para determinados contextos de comunicação são necessárias e que a comunicação entre o grupo é o mais importante.

O documento norteador da educação básica em todo o território nacional, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC; Brasil, 2018), traz habilidades e competências voltadas para a variedade linguística. Além disso, diz que a reflexão sobre o fenômeno da variação linguística pode ser vista em qualquer nível de análise e em qualquer etapa da educação básica. Para isso, a BNCC (Brasil, 2018, p. 81) enfatiza que “as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado”.

Dessa forma, é essencial que os alunos compreendam a importância das diferentes formas de linguagem, pois, além de ampliar o seu repertório linguístico, estarão conhecendo novas e outras formas de se falar o mesmo idioma, construindo uma visão mais crítica sobre o mundo ao seu redor. Assim,

todos os aprendizes devem ter acesso às *variedades linguísticas urbanas de prestígio*, não porque sejam as únicas formas “certas” de falar e de escrever, mas porque constituem, junto com outros bens sociais, um *direito* do cidadão, de modo que ele possa se inserir plenamente na vida urbana contemporânea, ter acesso aos bens culturais mais valorizados e dispor dos mesmos recursos de expressão verbal (oral e escrita) dos membros das elites socioculturais e socioeconômicas (Bagno, 2015, p. 15).

A obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, representa uma forma de variação linguística. Moradora da favela do Canindé e com pouco grau de instrução escolar, Carolina escrevia seu diário relatando os desafios diários por ela vividos. O livro traz uma linguagem coloquial com a escrita marcada pelo modo de falar da sua época e da sua realidade, sendo um reflexo da sua condição social. Contudo, é preciso esclarecer que, na apresentação do livro, o jornalista Audálio afirma que realizou algumas pequenas mudanças na pontuação e na grafia de algumas palavras do texto original para uma melhor compreensão do texto.

Nesse sentido, ao se tomar por modelo a norma padrão da Língua Portuguesa, na obra (Jesus, 2014) encontram-se algumas variações e desvios. A escrita, em alguns trechos, não está de acordo com a norma padrão no que se refere à concordância verbal e ao plural, dado que alguns verbos não concordam com número e tempo: “as crianças *catava* dinheiro na rua” (p. 19); “três *filho* havia suicidado” (p. 53); “era duas gêmeas” (p. 67); “eu *dá* 20” (p. 106); “*varias* pessoas *veio* assistir a missa” (p. 122). Também há a troca da vogal “e” pela vogal “i” em algumas palavras como “eu estava *discontente*” (p. 28); “mais *iducado*” (p. 54); “saem pelas ruas *pidindo* esmolas” (p. 67); “bem *vistido*” (p. 87); “*pentiei* os meus cabelos” (p. 148), bem como da vogal “o” pelo “u” em “ouvi uns *buatos*” (p. 62); “Vera *começou tussir*” (p. 145). Ainda, percebe-se o acréscimo do “i” em palavras que não necessitam: “a Vera, ontem *pois* dois vermes pela boca” (p. 56); “eles ficaram só *treis* dias” (p. 120); “*puis* o saco de papel” (p. 142). Além disso, há falta de acentuação em algumas palavras, como também outros desvios linguísticos.

Nesses trechos da obra de Carolina Maria de Jesus, observa-se a variação geográfica, evidenciando que diferentes regiões têm modos distintos de falar, uma vez que não são todos os lugares que pronunciam as palavras da mesma maneira. Além disso, percebe-se a variação social relacionada à classe, o que corrobora com a afirmação de Possenti (2006, p. 35) de que “a variedade linguística é o reflexo da variedade social”. Dessa forma, como Carolina pertence a um grupo menos favorecido, ela expressa uma fala típica “de grupos situados abaixo na escala social” (Alkmim, 2001, p. 35). No mais, é importante destacar que, embora essa variação não corresponda à norma padrão, sua estrutura não é menos complexa.

Assim, ao reconhecer a presença e legitimidade das variações linguísticas, e entender que a escola é um espaço para a troca de culturas e conhecimentos, torna-se essencial oferecer aos estudantes o conhecimento de diferentes formas da língua. Esse processo promove a valorização e o respeito mútuo, ajudando a evitar e superar o preconceito linguístico. Nesse contexto, cabe à escola, simultaneamente ao reconhecimento das variações linguísticas, ensinar aos alunos a norma padrão ou “o de criar condições para que ele [o português padrão] seja aprendido” (Possenti, 2006, p. 33), pois negar isso aos estudantes é o mesmo que privá-los do acesso a posições mais privilegiadas na sociedade e de oportunidades para refletir criticamente acerca dos diferentes usos da língua.

Sendo assim, a variação social também se caracteriza pela mudança na fala e pela escolha de diferentes termos para se adequar a diferentes contextos. De acordo com Alkmim (2001, p. 360), “todo falante varia sua fala segundo a *situação* em que se encontra”, isso significa que a forma como os indivíduos se expressam pode mudar a depender do ambiente e das pessoas com quem estiverem interagindo. É nesse viés que Antunes (2014, p. 114) destaca que “a língua é um repertório à disposição dos falantes, frente ao qual existe sempre o direito da escolha entre opções que lhes parecem adequadas”, visto que a língua permite essa adaptação e flexibilidade, permitindo aos falantes navegar por diversos contextos sociais e comunicativos de maneira eficaz.

5 CONCLUSÃO

Diante do exposto, comprehende-se que a valorização da variação linguística no ambiente escolar pode contribuir para o respeito e o (re)conhecimento das diversas culturas ao incluir nesse espaço a possibilidade de interação com o outro, promovendo um diálogo intercultural e concebendo as diferentes formas de falar como expressões das identidades culturais dos estudantes.

Assim, a partir das reflexões feitas, fica evidente que as variações linguísticas estão presentes em todas as sociedades e línguas, e nenhuma é mais complexa que a outra. Elas apenas são diferentes, pois carregam a riqueza de uma herança cultural e histórica de um povo, marca de uma identidade social. Através da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, pode-se perceber como a linguagem pode ser um meio de expressão autêntico das múltiplas realidades sociais e culturais.

Nessa perspectiva, integrar as variedades linguísticas na escola não apenas amplia e enriquece o repertório dos alunos, como também fortalece os laços de empatia e compreensão entre os indivíduos de uma sociedade marcada pela diversidade, promovendo-se assim um ambiente educacional inclusivo e respeitoso, onde cada voz e história tem seu espaço de reconhecimento.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia M. Sociolinguística. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (orgs.). **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.
- ANTUNES, Irandé. **Gramática Contextualizada:** limpando “o pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BAGNO, Marcos. Norma linguística, hibridismo & tradução. **Traduzires.** n. 1, maio de 2012. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/10546/1/ARTIGO_NormaLinguisticaHibridismo.pdf. Acesso em: 22 jan. 2025.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico.** 56. ed. revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 15 jan. 2025.
- JESUS, Carolina M. de. **Quarto de Despejo:** diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, João W. (Org.). **O texto na sala de aula.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 33-38.
- SAAVEDRA, Carola. **O mundo desdobrável:** ensaios para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2021.